

o preconceito da diferença que certas versões extremas da oposição binária objetivo/subjetivo fatalmente decretam. Não estou, no entanto, seguro de que existam muitas vantagens em colocar direito e literatura em diálogo – como, aliás, expliquei acima. Este tipo de diálogo artificial serve algumas vezes, de resto, para que os praticantes da literatura se achem na posição confortável de poderem dizer que os praticantes do direito (que ganham muito mais do que eles e são muito mais bem aceites socialmente) afinal fazem coisas parecidas com as que eles próprios fazem – o que nem sempre é verdade. E, de outro modo, serve aos praticantes do direito para se tentarem colocar na posição não tão desconfortável de poderem dizer que afinal não são meros autômatos cumpridores de leis mas afinal pessoas muito sensíveis que lêem livros e acreditam no poder terapêutico da literatura.

Em qualquer caso, há boas e más maneiras de se fazerem as coisas, e este volume de que aqui se trata parece pelo menos ser um bom princípio. Não sei se a conversa continuará, se de repente um silêncio cortante se instalará, nem tão pouco posso prever quem mandará calar quem (se for caso disso). Embora suspeite que será a literatura a dar esse passo, pois, como dizia Pascoaes, «a lei, se não for ofendida, não há nada que a justifique». Ao contrário de outras coisas, que por si mesmas se justificam.

Ricardo Namora

AS HUMANIDADES, OS ESTUDOS CULTURAIS, O ENSINO DA LITERATURA E A POLÍTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

VÍTOR AGUIAR E SILVA

Coimbra, Edições Almedina, 2010

364 páginas, ISBN 978-972-40-4195-7

Daqui por 4 ou 5 séculos, quando do território que outrora foi Portugal não restar mais do que um arremedo de Pompeia, diligentes arqueólogos dedicarão o seu tempo à escavação dos restos fragmentados da memória pátria. Por entre as toneladas de material recolhido, que se multiplicarão a cada expedição – sendo essa pátria morta um bicho disforme que nunca teve um futuro mas apenas eflúvios torrenciais de luto, fado, desgraça, depressão e saudade –, tentarão perceber o que conta ou não como herança de um povo. É muito provável que percebam que, contra todos os prognósticos pós-modernos, a história é, no fim de contas, feita por gente que faz coisas parecidas e se relaciona de modo análogo, num território físico e patrimonial que é mais ou menos comum e mais ou menos delimitado. É igualmente provável que venham a dar-se conta, no mesmo sentido, de que a única herança patrimonial que resta depois de todas as Pompeias deste mundo (ideais, sociais, históricas, fictícias ou reais) é uma coisa estranha, e estranhamente repulsiva, que em tempos idos se convencionou chamar cultura.

Uma diferença substancial, no entanto, separará a Pompeia-Pompeia

da Pompeia-à-portuguesa: ao contrário de uma súbita explosão vulcânica de chamas, lava, cinzas e temperaturas acima dos 250 graus, os portugueses serão vitimados por um contínuo e duradouro desânimo, e definharão lentamente até os seus cadáveres serem completamente cobertos por poeira e teias de aranha. Este facto facilitará imenso a tarefa dos arqueólogos desse futuro distante, que em vez de pás, escavadoras e pincéis número 14, usarão apenas vassouras e espanadores. Outra vantagem, por certo não despidianda para o caso, segue do facto de que livros provavelmente derretem com o calor, mas mantêm-se razoavelmente bem conservados sob o efeito do pó. Neste cenário implausível, os diligentes arqueólogos descobrirão dezenas de exemplares de uma estranha forma de arquitetura de interiores: filas intermináveis de paredes altas com prateleiras e armários e estantes cheias de livros (que verão, nos seus *ipads* de última geração, serem uma coisa muito antiga a que se chamava bibliotecas).

Numa dessas extintas bibliotecas, um desses arqueólogos, representante último de uma igualmente extinta espécie referida como a dos «leitores», descobrirá o livro de Vítor Aguiar e Silva *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Perceberá, depois da sua leitura, duas coisas: a primeira é a de que o livro talvez ganhasse em apresentar os 22 artigos de Aguiar e Silva por ordem cronológica de publicação

(em vez da ordenação temática que parece ter sido objetivo fundacional da obra) – desta forma, o rigor, a heterogeneidade, a atenção crítica, a acuidade e a evolução do seu pensamento seriam provavelmente mais nítidos; a segunda é a de que Aguiar e Silva, depois de uma série temporalmente expandida de edições e reimpressões do seu *magnum opus*, decidiu de forma deliberada congelar por momentos aquele que foi o seu objeto maior de estudo e de atividade pedagógica – a teoria da literatura –, preferindo, em alternativa, oferecer aos seus leitores um mosaico composto de opiniões e argumentos sobre temas e tópicos cuja generalidade de propósitos excede em muito o caráter mais restrito (e retrátil) daquela disciplina. Estes desequilíbrios, logo se perceberá, não têm a ver com qualquer sentimento de deserção ou com um desconforto prostrado em relação a um passado autofágico – antes, seguem em linha direta de uma preocupação geral, genuína e atual com as humanidades, globalmente consideradas em várias das suas particulares dimensões.

A atualidade de Aguiar e Silva tem justamente a ver com isto. Professor e pensador cujo *locus* pedagógico e intelectual se localiza num tempo em que coisas como a literatura, as artes e a cultura ainda pareciam servir para alguma coisa, ele é também um autor cuja carreira, dilatada e panorâmica, lhe permite uma visão de largo espectro sobre as transformações por que passaram as humanidades nos últimos 60 anos.

Talvez também por isso, Aguiar e Silva resiste a confinar aquela atividade ao meio académico (o nicho por excelência da educação liberal), expandindo a sua noção a ponto de a descrever de um modo tão «portuguesmente» universal que quase não resistimos (eu e o diligente arqueólogo-leitor do futuro cuja história aqui se conta) a lê-lo como a voz messiânica pela qual todos esperamos – mas que, no fim de contas, esteve por aqui este tempo todo. Não se pense, porém, que o messianismo de Aguiar e Silva é ingénuo ou leviano, pelo contrário: «lendo» a cultura, o mundo, a academia, a literatura, o ensino e a língua de um modo ao mesmo tempo erudito e prosaico, desencantado e ferozmente empenhado, desiludido e crente, ele consegue num mesmo movimento apontar culpados e caminhos.

Esta extraordinária capacidade, heterogénea e multiforme, a fazer lembrar o saudosista Pascoaes (que também, como Aguiar e Silva, usa muitas vezes as reticências na sua prosa, como que a convocar deliberadamente respostas por parte dos seus leitores), é também ela – como no poeta-biógrafo de Gatão – eminentemente nacional, ibérica, europeia e universal. E por isso, também, o futuro das humanidades repousa, nos argumentos de Aguiar e Silva, em coisas de somenos (ou que têm sido tratadas como tal) como o ensino da língua, uma política de longo prazo para a língua portuguesa, o ensino da literatura, a formação de professores e o ensino da poesia, da lin-

guagem e das suas recíprocas relações. Aguiar e Silva sobrevoa, intelectual e ativamente, mais de meio século de transformações nas humanidades e no mundo (que não há uma sem o outro, nem vice-versa) e isto, somado à sua vocação enfaticamente pedagógica e indagadora, resulta num mosaico panorâmico que deteta problemas e aponta soluções.

A história está do lado de Aguiar e Silva. Por isso, talvez fosse fácil (para mim, não para o arqueólogo que, daqui a 4 ou 5 séculos, encontrará este livro mas nada saberá do que se passou nos últimos 50 anos do século XX), ver nesta obra um lamento amargurado sobre as perversidades da modernidade e da cultura de massas, ou ainda (e pior), uma espécie de «prémio de carreira» como os que se dão a desportistas e atores, de alguém que esteve sempre presente nestes 50 ou 60 anos de turbilhão intelectual, social e político. Logo se percebe, porém (e também por se tratar de quem se trata), que a vitalidade e o comprometimento intelectual são características inerentes, e não residuais, do autor. Militâncias deste género (que são, além de tudo, desaconselhadas por muito boa gente, a começar pelos políticos, gurus da finança, tecnocratas e burocratas desta pós-modernidade árida para a qual nos atiraram) têm, claro está, custos elevados. Mas o maior mérito de Aguiar e Silva talvez seja justamente o de ter conservado a sua noção de compromisso e de isenção, o que, a juntar à sua capacidade de ironizar sem,

no entanto, perder de vista o sentido do futuro, ajuda a preservar a atualidade das suas ideias e a erudita fundação das suas descrições e conclusões.

Dos 22 artigos que compõem este volume, o mais antigo data de 1971, e o mais recente (inédito) de 2010. Isto quer dizer que a amostra de que se constitui este livro abarca quatro décadas de ideias e argumentos sobre as humanidades, nesse sentido amplo e tendencialmente universal que Aguiar e Silva lhe atribui, um sentido ao mesmo tempo histórico e patrimonial que assenta numa crença profunda nas virtualidades da educação e do humanismo. Um tal ponto de vista acerca das humanidades leva a que, inexorável e fatalmente, Aguiar e Silva abra as janelas e as portas da sua sala de aula, do seu gabinete e da biblioteca: em permanente (e só em permanente) interação com a realidade, o mundo, os outros e a história é que coisas como a língua, a literatura e a cultura fazem sentido. Esta perspetiva de perene diálogo é que é o motor das humanidades, e o garante do seu futuro. Contrariamente a Aguiar e Silva, não acredito que seja possível, na pós-modernidade estéril e desumana em que fingimos viver (e que o tal arqueólogo do futuro decerto já não experimentará), captar novos públicos e ensinar pessoas a ler bem, ou sequer a ler. Mas concordo com ele, em absoluto, acerca do modo como as coisas devem ser feitas para, pelo menos, preservar os leitores que já o são, e que se interessam por poemas e livros e outras

coisas que – repetem-nos até à exaustão – não servem para nada.

Algumas horas depois de encontrar este livro de Aguiar e Silva, o arqueólogo do futuro, cansado e ignorante, tirará uma revigorante sesta e não perceberá porque houve, em tempos distantes, pessoas que se preocuparam tanto com a educação, a leitura e a cultura. Mas para nós, os que cá ficamos e nunca lá chegaremos, só resta o (por agora) magro consolo de continuarmos a preocupar-nos com esse ramalhete de coisas «insignificantes». Escreveu Pascoaes, no seu *Napoleão*, que a ação de Deus na terra é exercida «por meio de um triste bípede implume». A acreditar em Aguiar e Silva, porém, cada um desses tristes bípedes implumes pode ser melhor, como a sociedade criada por eles pode ser melhor, como o mundo feito por eles pode ser melhor. Só se consegue isto tudo, no entanto, enfrentando a história, apontando caminhos e acreditando nas humanidades – como Aguiar e Silva, tão hábil e inteligentemente, nos mostra.

Ricardo Namora

**MODERN MYTHOLOGY: CREATING
AND EXPLORING THE NARRATIVES
WE LIVE BY**

JAMES CURCIO, Ed.

<http://www.modernmythology.net/>
em linha, 2011

THE METASTASES OF MYTH

The study of mythology is currently out of fashion within the university,